

Apresentação Dossiê História Econômica do Nordeste^a

Natânia Silva Ferreira^b 

Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento
de Ciências Econômicas, Ilhéus (BA), Brasil

Silvana Andrade dos Santos^c 

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de
Ciências Humanas e Filosofia, Feira de Santana (BA), Brasil

Os territórios que compõe a área que hoje é denominada de *região Nordeste*¹ ocuparam, desde o início da exploração da América Portuguesa, papel central para a História Econômica do que viria a ser o Brasil. Diversas atividades econômicas se estabeleceram ao longo do tempo, nos igualmente diversos ecossistemas regionais. No período colonial, obtiveram notoriedade a exploração da fauna e da flora local, com destaque para a extração madeireira (Lapa, 1968; Mello, 1998; Dias, 2007); e principalmente, a produção de açúcar (Ferlini, 1988; Schwartz, 1988; Barickman, 2003).

E o Nordeste não era só o açúcar. Na colônia e, mais tarde, no Império, respeitados os fluxos e flutuações, em torno e para além do mundo dos engenhos, estabeleceram-se zonas produtoras de gêneros como tabaco, mandioca, algodão, cacau, arroz, café, bem como zonas de pecuária e de extração mineral. Essas atividades econômicas movimentavam os mercados interno e externo; sustentavam redes de negócios; abrangiam mão de obra indígena, escravizada de origem africana, e livre – em modalidades variadas; e englobavam diferentes regimes de apropriação fundiária (Andrade, 1980; Barickman, 2003; Lopes, 2018; Couceiro; Silva, 2015; Andrade, 2019).

^a DOI: 10.29182/hehe.v28i4.1109

^b nsferreira@uesc.br

^c sasantos@uefs.br

As autoras declaram não haver conflito de interesse.

¹ Para discussões sobre a construção do Nordeste enquanto região ver: Andrade (1980) e Albuquerque Jr. (2011).



Esta publicação está licenciada sob os termos
de Creative Commons 4.0 Internacional

No século XIX, a despeito do deslocamento do eixo socioeconômico para o Sudeste, impulsionado pela expansão cafeeira, gêneros produzidos no Nordeste, como o açúcar, o algodão, o fumo e, mais tarde, o cacau, continuaram dentre os principais produtos de exportação nacional (Guimarães, 1997). Além disso, verificou-se no período a busca pela construção de infraestrutura de transportes, especialmente em torno de estradas de ferro e de companhias de navegação, e do desenvolvimento de um sistema de crédito bancário na região (Melo, 2000; Sampaio, 2006; Gambi, 2010; Souza, 2013; Dourado, 2019; Fagundes, 2021). Na República, outras atividades, especialmente do setor energético, com a exploração petrolífera e a fundação de hidrelétricas, por exemplo, se somariam à agricultura e à pecuária na movimentação da economia regional (Pedrão, 1996; Brandão, 1998; Silveira, 2025).

A síntese acima apresentada, embora certamente não seja capaz de dar conta da complexidade da economia do Nordeste ao longo de mais de cinco séculos, possibilita que os leitores e leitoras menos familiarizados com a temática tenham melhor dimensão da relevância da região para a História Econômica brasileira. Reconhecendo essa importância, enquanto membros do Conselho de Representantes da Região Nordeste no Biênio 2023-2025, nos indagamos a respeito do espaço ocupado pela História Econômica do Nordeste na Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), principal instituição do campo no país, e em *História Econômica & História de Empresas* (HE&HE), seu periódico.

A História Econômica no Brasil, indubitavelmente, deve muito da sua vitalidade à ABPHE, instituição que, por meio de seus encontros anuais, entre outras atividades, promove discussões acerca dos diversos trabalhos desse campo de conhecimento. Ao mesmo tempo, *História Econômica & História de Empresas*, publicação mantida pela Associação, pode ser considerada um dos mais relevantes veículos de divulgação de trabalhos de História Econômica da América Latina.

No livro comemorativo dos 25 anos da ABPHE, *Rumos da História Econômica no Brasil*, organizado por Alexandre Macchione Saes, Maria Alice Rosa Ribeiro e Flávio Azevedo Marques de Saes (Alameda, 2017), Cláudia Tessari escreveu sobre o periódico. O texto, intitulado “A revista História Econômica & História de Empresas: balanço e perspectivas”, conta com diversos dados sobre a revista, dentre os quais destacamos o

vínculo de origem dos textos publicados. Segundo Tessari (2017, p. 219), considerando autorias por região, no período de 1998 a 2016, a região Sudeste era a que mais possuía autorias (71,78%), seguida pela região Sul (15,95%) e pela região Centro-Oeste (6,75%). A região Nordeste apresentava 4,29% das autorias e, a Região Norte, 1,23%.

Uma vez que o vínculo do autor e da autora não necessariamente reflete o local pesquisado, outros dados que valem a pena serem salientados são os que mostram os artigos por recorte geográfico. Dos artigos publicados pela revista, para o mesmo período de 1998 a 2016: 47,52% abordavam o Brasil a nível geral; 32,62%, a região Sudeste; 9,22%, o Sul do país; 6,38% contemplavam a região Nordeste; 2,84%, o Centro-Oeste; e, finalmente, 1,42% a região Norte (Tessari, 2017, p. 221).

Os dados relacionados a pessoas associadas também contribuem para a análise do cenário. Em agosto de 2025, a ABPHE contava com 216 pessoas associadas vinculadas a instituições no Brasil. Destas, 151 (69,91%) estavam vinculadas à região Sudeste (somadas as Regionais Sudeste, com 72 pessoas, e São Paulo, com 79 pessoas)²; 27 (12,5%) à Regional Nordeste; 16 (7,41%) à Regional Sul; 11 (5,09%) à região Norte e 11 (5,09%) à Centro-Oeste³. Ou seja, o grande número de autoras e autores vinculados à região Sudeste do país que publicaram na HE&HE é relativamente proporcional ao número de pessoas associadas vinculadas às Regionais Sudeste e São Paulo da ABPHE. Enquanto isso, o Nordeste, embora seja a segunda maior região em termos de vinculação, tem um número substancialmente menor de pessoas associadas que a região Sudeste. Além disso, é a segunda menor em termos de autoria de artigos na HE&HE e fica em terceiro lugar no que tange aos recortes dos textos publicados na revista.

Pode-se indagar, nesse sentido, por exemplo, o que leva ao diminuto número percentual de submissões em relação ao percentual de pessoas associadas vinculadas à Regional. Ou ainda, o percentual relativamente pequeno de pessoas associadas vinculadas à região, em comparação à sua

² Seguindo as normas do Estatuto da ABPHE, o estado de São Paulo constitui uma região para fins de representação no Conselho, por possuir mais de 50 pessoas associadas. No entanto, uma vez que São Paulo integra a região Sudeste do país, optamos por considerar na elaboração da análise a soma das pessoas associadas das Regionais Sudeste e São Paulo.

³ Os cálculos foram efetuados com base em lista de pessoas associadas presente no site oficial da ABPHE. Disponível em: <<https://www.abphe.org.br/abphe-socios>>. Acesso em: 16 out. 2025.

relevância para a História Econômica do país. Isso pode se dever desde às preferências teórico-metodológicas até à distribuição dos Programas de Pós-Graduação no Brasil – questões que extrapolam os propósitos iniciais dessa coletânea, mas que não deixam de suscitar inquietações...

Neste sentido, este Dossiê faz parte de um esforço mais amplo de articulação entre pesquisas, pesquisadores e pesquisadoras que trabalham, de maneira direta ou indireta, com a História Econômica da Região Nordeste; a Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica; e a revista *História Econômica e História de Empresas*, na busca pelo de fortalecimento da História Econômica da/na Região Nordeste. Dentro dos limites impostos por questões técnicas e logísticas que envolvem a organização de uma obra coletiva, como um Dossiê, buscamos reunir artigos sobre temáticas variadas tanto cronologicamente (contemplando os recortes colonial, imperial e republicano), quanto geograficamente (abrangendo o maior número possível de espaços da região).

Por sua vez, no que diz respeito a autoria, outras preocupações que nortearam a organização deste Dossiê foram as questões étnico-raciais e de gênero. O mesmo levantamento realizado por Tessari (2017) evidenciou que, no período de 1998 a 2016, 71% dos artigos publicados em *História Econômica & História de Empresas* foram de pessoas do gênero masculino, e apenas 29% foram de pessoas do gênero feminino. Uma divisão por grupos étnico-raciais não foi identificada, e tal ausência chama a atenção para se pensar sobre a representatividade racial, cultural e histórica dos diferentes povos dentro da escrita da História Econômica.

Na organização do Dossiê, trabalhamos – novamente dentro dos limites impostos por questões técnicas e logística – para que o número de autores e autoras que contribuíram com a coletânea não fosse significativamente díspar. No que diz respeito às questões étnico-raciais, reconhecemos que, apesar dos esforços empreendidos, não foi possível contemplar plenamente essa dimensão. Ainda há desafios a serem enfrentados para que futuras iniciativas possam alcançar uma representatividade mais ampla e condizente com a diversidade da sociedade brasileira.

O Dossiê conta com sete artigos e uma resenha. Por seu caráter historiográfico, o artigo “História econômica da Capitania do Rio Grande do Norte: temas contemporâneos e debates historiográficos”, de Thiago Alves Dias, abre a coletânea. Nele, o autor trata de aspectos relativos à

História Econômica da capitania do Rio Grande do Norte, do litoral ao sertão, com base na produção e na circulação de produtos e mercadorias, ressaltando também o uso da terra e das formas de trabalho empregadas. Mapas populacionais e de comércio, atas legislativas, relatórios de governo, petições de sesmarias, inventários e testamentos foram os documentos utilizados no trabalho.

Os artigos seguintes seguem uma ordem cronológica crescente, possibilitando que se tenha indícios das transformações e permanências da economia do Nordeste ao longo dos anos. Com o artigo “‘Gado do vento’, escravos fugidos e roubo de gado: a pecuária nas querelas do fisco e da justiça nos Sertões do Norte (século XVIII)”, Leonardo Rolim analisa a pecuária no Ceará e no Piauí, levando em conta que essas capitâncias foram, no século XVIII, responsáveis por grande parte das atividades que envolviam a criação de gado vacum no Brasil. Segundo o autor, tais capitâncias tiveram formações territoriais interligadas, tendo constituído uma região colonial que possuía como principal característica a exploração econômica de rebanhos.

Em “Relações comerciais entre o porto de Salvador e o sertão de Jacobina a partir de procurações registradas nos Tabelionatos de Salvador (1722-1816)”, Cândido Domingues escreve a respeito do comércio desenvolvido entre as cidades de Salvador e Jacobina. Com base em procurações notariais registradas em 29 livros de notas dos tabelionatos de Salvador, ele aponta para as conexões existentes entre os sertões e o litoral da Bahia no período colonial.

Com “Os negócios da província: economia pernambucana na segunda metade do século XIX”, Bruna Dourado retrata a economia da província de Pernambuco na segunda metade do XIX, destacando exportações, importações e dinâmicas do mercado interno. Além da historiografia especializada, a autora utiliza relatórios ministeriais para compreender as transformações nas atividades açucareira e algodoeira, o papel desempenhado pelo comércio de Recife e a importância da navegação a vapor na articulação econômica regional.

Zezito Rodrigues discorre sobre “Crédito, moeda e estratégias de negociação na economia algodoeira dos sertões da Bahia: os negócios de Antônio da Silva Prado no início do século XIX (1810-1816)”. No trabalho, o autor destaca estratégias de financiamento da economia algodoeira

dos sertões da Bahia no início do século XIX. Os processos de produção e de circulação da riqueza sertaneja, bem como os processos de acumulação, reprodução, enriquecimento e conversão dos recursos acumulados por negociantes e plantadores do Alto Sertão da Bahia também são evidenciados. As principais fontes utilizadas foram os arquivos pessoais de Antônio da Silva Prado em sua participação nos negócios na Vila de Caetité, entre 1810 e 1816.

“A economia de Sergipe entre 1800 e 1874: composição da riqueza e suas variações regionais”, de Fernanda Carolina e Carlos Malaquias, reconstrói a composição da riqueza inventariada em Sergipe, no período de 1800 a 1874. Com 3.430 inventários, organizados em intervalos temporais de 25 anos, o autor e a autora analisam as transformações dos ativos e a composição e distribuição da riqueza, de forma a comparar as transformações patrimoniais nas diferentes regiões de Sergipe ao longo do tempo.

O artigo de Jamile Silveira, “Navegando por águas convergentes: uma história da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF – Brasil) e da Tennessee Valley Authority (TVA – Estados Unidos) (1930-1950)”, expõe aspectos da relação entre duas grandes companhias públicas, geradoras de energia elétrica. A autora analisa como os discursos sobre a produção de energia e a modernização justificaram os altos investimentos estatais no setor, em todo o mundo, motivado por um “modelo estadunidense”. Dentre as fontes utilizadas, estão relatórios oficiais da TVA e depoimentos de trabalhadores.

Finalmente, Jaciane Aparecida Cruz escreve a resenha do livro “A Bahia em Pedaços”, de Antônio Fernando Guerreiro de Freitas. O livro foi publicado no ano de 2023 pela Editus, e aborda dois “pedaços” do Estado da Bahia: o pedaço do sertão do São Francisco e o pedaço da região cacauíra, duas regiões baianas que, apesar de, em um primeiro momento, parecerem completamente distintas, contribuíram para o desenvolvimento estadual. Aspectos sociais, políticos, e sobretudo econômicos, são destacados pelo autor do livro para as duas regiões, principalmente no período da passagem do século XIX para o século XX.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, M. C. de. *A terra e o homem no Nordeste*. 4. ed. São Paulo: LECH, 1980.
- ANDRADE, M. L. de. Escravidão, mercado interno e exportações na economia de Ilhéus, 1850-1888. 2019. 320f. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BARICKMAN, B. J. Um Contraponto Baiano: Fumo, mandioca e escravidão no recôncavo, 1780-1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRANDÃO, M. de A. B. (Org.). *Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição*. Salvador: Ed. Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.
- COUCEIRO, L. A.; SILVA, R. V. C. da. Possíveis análises sobre a produção de algodão no Maranhão (1755-1818): relacionando o conceito “segunda escravidão” com práticas de crédito. *Outros Tempos*, São Luís, v. 12, n. 20, 2015, p. 190-213. Disponível em: <https://www.outros-tempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/489>. Acesso em: 16 out. 2025.
- DIAS, M. H. Economia, sociedade e paisagens da capitania e comarca de Ilhéus no período colonial. 2007. 424f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.
- DOURADO, B. I. M. *Comércio e transporte no Brasil: a Companhia Pernambucana de Navegação a Vapor*. 2019. 241f. Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

FAGUNDES, A. A primeira Caixa Econômica da Bahia: Gênese e atividades iniciais (1834-1850). *Areas-Revista Internacional de Ciencias Sociales*, Murcia, v. 1, p. 27-37, 2021. Disponível em: <<https://revistas.um.es/areas/article/view/478401>>. Acesso em: 21 out. 2025.

FERLINI, V. L. A. *Terra, trabalho e poder*: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GAMBI, T. F. R. O banco da Ordem: política e finanças no império brasileiro (1853-66). 2010. 526f. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GUIMARÃES, C. G. *Bancos, economia e poder no Segundo Reinado*: o caso da Sociedade Bancária Mauá, Macgregor & Companhia (1854-1866), 1997. 306f. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

LAPA, J. R. do A. *A Bahia e a Carreira da Índia*. São Paulo: Cia Editora Nacional/USP, 1968.

LOPES, G. A. *A fênix e o Atlântico*: A Capitania de Pernambuco e a Economia-Mundo Europeia (1654-1750). São Paulo: Alameda, 2018.

MELLO, E. C. *O negócio do Brasil*. Portugal, Os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

MELO, J. C. de. *Modernização e mudanças*: o trem inglês nos canaviais do Nordeste (1852-1902). 2000, 377f. Tese (Doutorado em História Social). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

PEDRÃO, F. O Recôncavo baiano na origem da indústria de transformação no Brasil. In: SZMRECSÁNYI, T. LAPA, J. R. do A. *História econômica da Independência e do Império*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SAMPAIO, M. G. V. *Uma contribuição à história dos transportes no Brasil: a Companhia Bahiana de Navegação a Vapor (1839-1894)*. 2006. 341f. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SCHWARTZ, S. B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVEIRA, J. S. *Brazilian TVA? A Companhia Hidrelétrica Do São Francisco e o “aproveitamento” da cachoeira de Paulo Afonso no Nordeste do Brasil (século XIX-1955)*. 2025. Tese (Doutorado em História). Centro de Línguas, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2025.

SOUZA, R. S. “Se eles são livres ou escravos”: escravidão e trabalho livre nos canteiros da estrada de ferro de São Francisco. Bahia, 1858-1863. 2013, 257f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

TESSARI, C. A. A revista História Econômica e História de Empresas: balanço e perspectivas. In: SAES, A. M.; SAES, F. A. M. de. RIBEIRO, M. A. R. *Rumos da História Econômica no Brasil: 25 anos da ABPHE*. São Paulo: Alameda, 2017.